

### Estado da questão

CRISTINA MELLO

1. Durante um estágio em França, com uma bolsa de estudos do INIC, a fim de realizar pesquisa na área do ensino da literatura no Centre International d'Études Pédagogiques (CIEP) e na Universidade de Paris VIII, mantivemos contactos com professores que, procedendo de áreas diferentes (linguística, teoria literária ou literatura francesa), comungam de um grande interesse pelas actuais questões do ensino da literatura, o que é patente nas actividades de docência e investigação e nas publicações de livros ou artigos em revistas como *Le Français Aujourd'hui*, *Le Français dans le Monde*, *Les Langues Modernes*, *Pratiques* (de Metz), *Cahiers du Crélef* (de Besançon), *La Lettre de la DFLM* (revista da Association internationale pour le développement de la recherche en didactique du français langue maternelle), etc.

No que diz respeito às vias de formação superior, temos que ter em conta as licenciaturas concedidas pelas universidades como Sorbonne, Paris VII, Paris VIII, os cursos das Escolas Normais Superiores (de que as duas mais prestigiosas, respectivamente clássica e moderna, são as da Rue d'Ulm e de Saint-Claude), os grandes Colégios como Louis Legrand e os recentemente criados Instituts Universitaires de Formation de Maîtres (IUFM).

Nestas instituições contactámos com professores que curiosamente, na sua grande maioria, são oriundos das Escolas Normais. A eles teríamos que acrescentar elementos do Institut National de Recherches Pédagogiques (INRP), como Bernard Veck, director de uma equipa de investigação na área da didáctica do francês. Através de duas obras publicadas por este grupo — *Lire/Écrire en Classe de Seconde e Trois Savoirs pour une Discipline. L'histoire littéraire. Rhétorique. Argumentation* — pode-se apreciar o trabalho já realizado numa perspectiva metodológica de transposição didáctica de diversos saberes, os chamados «savoirs savants».

A formação na área do «francês língua estrangeira» tem sido atribuída ao BELC e ao CIEP. Denis Bertrand, semiótico da chamada «escola de Paris» (que tinha em Greimas o grande patrono) e actual director do BELC, juntamente com Marie-Laure Poletti (do CIEP), desenvolve um trabalho sobre o texto literário em que a teoria se complementa com a prática (entenda-se semiótica, teoria da enunciação, recepção e produção de texto), tendo como clientela professores de diversos países que ensinam o francês como língua

estrangeira, materna ou segunda língua e ainda leitores de língua francesa. No CIEP, encontra-se um grupo extremamente dinâmico que promove acções de formação e desenvolve actividades de investigação. Refira-se ainda o nome de uma outra professora, Janine Dreher (antiga professora do Liceu de Sèvres), colaboradora da Escola Normal de Saint-Claud (na formação de formadores e inspectores pedagógicos de países de África de língua francesa), encarregada de seminários de didáctica da literatura no CIEP, que participou em projectos que resultaram em inúmeras publicações didácticas de que dois exemplos significativos são um estudo sobre *L'Assomoir*, de Zola, e um outro sobre um conto de Maupassant. Este último, intitulado *La Parure. Éléments pour un Parcours Pédagogique: Transposer un Récit en Bande Dessinée*, de 1988, apresenta interessantes propostas de trabalho, fichas de leitura, etc.

2. É grande a convergência entre os novos programas oficiais de ensino, manuais, obras de carácter didáctico e provas de avaliação em anos decisivos como a «classe de première» (correspondente ao 11.º ano de escolaridade no sistema português), o exame ao «baccalauréat» e a prática pedagógica nos últimos anos do secundário («classe de seconde» e «de première»). Esta orientação pragmática do ensino ainda pode ser observada em acções de formação que procuram abordar os novos conteúdos e metodologias emanados dos programas oficiais, ao mesmo tempo que alargam o debate de candentes questões como a leitura metódica.

O estudo do texto literário neste nível de ensino segue de perto as orientações dos programas oficiais, que insistem na consolidação de uma competência fundamental — a comunicativa — traduzida na capacidade de produzir textos de acordo com uma tipologia diversa (que consta do «baccalauréat»): o resumo de texto, o comentário, o ensaio literário e a explicação de texto. A maior preocupação dos alunos da «classe de première» é, de facto, o «Bac», para o qual são preparados ao longo do ano, em todas as actividades de ensino, realizando, pelo mês de Maio, o «Bac blanc», espécie de simulacro desta importante prova. Os textos abordados em aula constituem passagens de obras de leitura integral, de autores do século XVI e XVII, na «classe de seconde», e XVIII, XIX e XX, na «classe de première», referenciadas nos programas a título de sugestão. Duas actividades se complementam: a leitura da obra integral e o «regroupement de textes», espécie de exercício de tipo intertextual centrado sobre uma questão de natureza estético-literária, temática, etc. A leitura de fragmentos textuais propicia aos alunos descobrir em «les

trucs qu'il y a dedans»: o «je», o «on» e outras marcas enunciativas, realizando a chamada «leitura metódica» que prepara o «commentaire composé». Depois destes actos de leitura, bem centrados no texto, trata-se de dar-lhes a conhecer (normalmente através de um discurso expositivo) as motivações mais profundas, a situação do texto no espaço e no tempo que lhe são próprios, a sua intenção comunicativa.

Como técnica, esta pragmática de sala de aula tem grandes vantagens: o aluno é chamado a responder às expectativas que o texto prepara, a percorrê-lo de lápis em punho, a desmontá-lo na sua sintagmática. Em última instância, tal metodologia pretende levar o aluno a reflectir, a adquirir métodos de trabalho intelectual, na tentativa de resolver o problema que a escola considera como maior: a deficiência de comunicação e expressão em língua materna.

Olhando à auto-avaliação feita por alunos de uma turma do Liceu de Sèvres, bem como a que foi realizada pelo professor, constata-se que se está ainda muito longe dos patamares desejados: comunicar com correcção, produzir textos de tipologias diferentes, limitações que se reflectem no nível em que se situa a maioria dos alunos e que é abaixo da média positiva.

3. A investigação na área do ensino da literatura realiza-se em diversos quadros institucionais nas Universidades, Escolas Normais e noutros organismos como o INRP, BELC, CIEP, CREDIF («Centre de recherche et d'étude pour la diffusion du français») e, de um modo geral, tem em conta projectos centrados em questões de recepção e produção dos textos, para além de uma formação metodológica que pode integrar estratégias comunicativas, avaliação formativa ou de competências, utilização de meios audiovisuais, etc. Refiram-se ainda projectos de pesquisa levados a cabo por professores do ensino secundário e apoiados pelo Ministère de l'Éducation Nationale, de la Jeunesse et des Sports, de que tivemos conhecimento de dois: uma pesquisa interdisciplinar sobre literatura e história (no Liceu de Sèvres) e a elaboração de um glossário de «termos de referência» utilizados pelos alunos em diversas disciplinas (no Liceu Paul Éluard).

A didáctica da língua e da literatura, a nível universitário, ramifica-se em cursos com uma forte componente de estudo linguístico do texto (literário ou não), em seminários a nível de Licence, Maîtrise, DEA e formação contínua, sendo também frequentados por professores do secundário a preparar concursos de agregação. «*Pratique des Textes Littéraires en Classe de Français, Didactique du Français: de la Langue au Texte*» (Universidade de Paris VII, a

cargo de Bernard Sarrazin e Robert Strick) e «*Lecture et Réception des Textes Littéraires du Collège à L'université*» (Paris VIII, com Jean Verrier<sup>1</sup>) são apenas dois elementos de cursos de âmbito didáctico, mas com conteúdos e objectivos diferentes, o que se compreende, se tivermos em conta o leque de possibilidades de formação, a autonomia da universidade e a especificidade do sistema de ensino francês. Um diplomado pela universidade, com o estágio no Secundário, só se torna efectivo depois de passar pela prova de «agrégation».

4. A sensibilização para as mudanças do sistema do ensino, para a necessidade de redimensionar o estudo dos textos e dos discursos em vista das transformações sócio-culturais, tem levado diversas instituições oficiais de ensino e cultura (universidades, organismos de investigação, meios de comunicação social) a promoverem debates, seminários, conferências, jornadas de estudo.

Os novos programas de francês (de Fevereiro de 1987), suscitam algum entusiasmo pelas metodologias introduzidas (gramática de texto, teoria da enunciação, pragmática e estética da recepção, intertextualidade entre texto literário e outras artes, abertura ao estudo de textos de autores antigos ou estrangeiros, etc.), a par de reticências e dúvidas acerca da sua efectiva implantação.

## Leituras

1. A articulação entre língua e literatura tem em conta, como se sabe, domínios teóricos como a pragmática da comunicação, a teoria do texto, sendo nesta perspectiva que se inscreve o livro de Jean-Michel Adam, *Langue et Littérature* (Paris, Hachette, col. Références, 1991) que trata da ficcionalidade e da referência na literatura, debruçando-se sobre a análise textual da poesia, da prosa romanesca, do teatro, etc. Rigorosas sínteses de questões já conhecidas (como a leitura tabular), apresentação de conceitos, reunindo fundamentação teórica e aplicação didáctica, são algumas das qualidades deste livro, que contém oportunas referências bibliográficas.

---

<sup>1</sup> Ver texto de J. Verrier na página 123.

2. A problemática da leitura literária, abrangendo a reflexão sociológica, a exposição de tipo histórico, a problematização a partir de exemplos concretos, constitui o objecto de reflexão do n.º 23 (de 1990) da revista *Textuel*, publicada pelo departamento de Sciences des Textes et Documents da Universidade de Paris VII. Tecendo um pouco o fio da história, aí se abordam a leitura como prática oral e escrita, colectiva e solitária, e a inscrição do leitor (ou leitora) como personagem literária (Proust, Flaubert, Italo Calvino). Aluno, texto e professor são considerados em artigos que reflectem sobre experiências concebidas segundo o modelo da interactividade pedagógica, oposto ao modelo tradicional que se mantinha exclusivamente fiel à verdade do texto.

O n.º 20 desta revista (também de 1990) organiza-se em torno dos sintagmas «expliquer», «commenter» e «l'explication de texte» e oferece uma visão de conjunto sobre os fundamentos da **explicação de texto**, remontando às tradições desta prática milenar (nomeadamente na época da sua apropriação mais intensa pelos jesuítas), e detendo-se na sua actual articulação com modelos teóricos e perspectivas pedagógicas. Yves Reuter, conciliando a pesquisa teórica e a prática didáctica, propõe a abordagem de «textos difíceis», capazes de suscitarem o interesse dos alunos, na medida em que põem problemas de compreensão de ordem diversa, fazendo ainda a defesa do binómio leitura/escrita para uma renovada pedagogia da explicação de texto.

3. Outras modalidades de leitura na escola (consagradas pelas instruções oficiais de ensino) constituem números temáticos da revista *Français Aujourd'hui*, de que referimos dois: o 90, de 1990, sobre «lecture(s) méthodiques» e o 97, deste ano, sobre «le groupement de textes». No primeiro, esta prática de leitura escolar é abordada segundo diversas perspectivas: a consideração de tipologias textuais (texto argumentativo, narrativo, descritivo, expositivo), a leitura metódica de narrativas de Rousseau, os conteúdos representados e situações autênticas de leitura, tendo em conta a recepção pelo aluno. «Regroupement de textes» é uma forma de leitura «relacional», em que três ou quatro textos são confrontados, com o objectivo de apreender uma temática comum ou um problema de natureza estético-literária. A especificidade pedagógica deste exercício escolar, que faz parte do exame de «Baccalauréat», consiste no estabelecimento de hipóteses de leitura sustentadas pelo próprio texto. Estes exercícios constituem o objecto principal do livro *La Séquence Didactique en Français* (Anne Armand *et alii*, Paris, Bertrand-

-Lacoste/CRDP de Toulouse, 1992) e destina-se às «classes de lycée», ao «Capes» e à «agrégation». Propõe-se oferecer instrumentos de análise que intervêm na construção da sequência (ou unidade) didáctica, sejam actuais noções de linguística ou do campo literário: tipologias de texto, prefácios, formas ou géneros literários, etc. Os exemplos de «sequência didáctica» (organizada em fases que podem corresponder à gestão do tempo lectivo) retomam a leitura metódica, de que um dos especialistas é Michel Descotes, com livro publicado sobre a questão.

A Associação Francesa de Professores de Francês reuniu vinte professores de francês, de diferentes níveis de ensino, incluindo o universitário, entre os quais Daniel Delas e Paul Zumpthor, que deram o seu contributo para a elaboração da obra *Nous Enseignons la Littérature* (Paris, Syros, 1986). Refletindo sobre problemas sociológicos e pedagógicos locais, isto é, do contexto francês, pelos problemas teóricos que levanta, pelas escolhas metodológicas e pedagógicas implicadas, terá certamente lugar noutras estantes de didáctica da literatura. Organizado por Alain Boissinot, Jean Verrier e Michel Mougenot, consta de quatro capítulos: «Les élèves et la lecture», «Forme et sens», «L’histoire littéraire n’est plus ce qu’elle était» e «La difficulté du texte».

A preocupação em conhecer a especificidade da disciplina de francês, isto é, a forma como as práticas de ensino fazem a transposição didáctica do conhecimento científico, levou a equipa «Français second cycle», do INRP, à realização de um trabalho de campo (aulas registadas e análise de provas dos alunos), projecto que resultou na publicação de *Trois Savoirs pour une Discipline. Histoire Littéraire. Rhétorique. Argumentation*. Este livro, de 1990, sucede a um de 1988: *Production de Sens: Lire/Ecrire en Classe de Seconde*, que constitui também um relatório de pesquisa levada a cabo pela mesma equipa.

De igual modo viradas para questões de didáctica são as obras *Techniques du Français*, de Alain Boissinot e Michel Mougenot (Vol. II, Paris, Bertrand Lacoste, 1990) e *L’oeuvre Intégrale*, de Gérard Langlade (CRDP de Toulouse, de 1991). A primeira contempla uma exposição analítica das linguagens literárias (prosa e poesia, a linguagem teatral, a análise da narrativa, etc.) e alguns exercícios a modo de «prolongements/perspectives» que oferecem pistas de reflexão; a última (da qual também saiu um segundo volume), procura responder aos constrangimentos da leitura integral. Discute formas de «entrée dans l’oeuvre» que vão do paratexto à leitura metódica, articulando a relação leitura-estudo de que a leitura tabular é um exemplo. Quanto aos instrumentos conceptuais implicados na leitura integral, destacam-se: ficção, narração, distinção autor-narrador e narratário-leitor, enunciação, focaliza-

ção, tempo romanesco e tempo teatral. Se as sugestões bibliográficas podem ficar aquém das expectativas, o mesmo não acontece em relação aos quadros sinópticos e às fichas de leitura global e tabular.

4. A candente questão da leitura, que tem preocupado professores, sociólogos, especialistas dos mass media e também escritores é o objecto central do livro *Comme un Roman* (Paris, Gallimard, 1991), do professor e escritor Daniel Pennac. Livro para ler de um fôlego e a ele voltar algumas vezes, descontraidamente sim, mas também para colher ensinamentos. Trata-se de uma escrita literária, de um discurso de fé e de amor sobre a leitura, onde não falta a «blague» irónica às constricções sociais e ideológicas do ensino, as quais Pennac, como escritor, confessa contornar pela prática da leitura em voz alta aos seus alunos, tal mago das histórias de todos os tempos que ficaram na memória. Eis um livro para aqueles que nos encontros de didáctica, sessões de formação e outros colóquios, se perguntam: mas como motivar o prazer? Mas como a pedagogia da paixão?

5. O livro de Jean Bessière (professor de literatura comparada na Universidade d'Amiens), *Dire le littéraire. Points de vue théoriques* (Liège, Pierre Mardaga, col. Philosophie et Langage, 1990) interroga, por vezes num tom desconcertante, algumas práticas básicas dos estudos literários como a análise literária. Considera a literatura um «objecto insólito», para cuja apreensão de sentido os exercícios da crítica literária são impotentes: «le sens suppose un impouvoir de parler [...]; la question du sens, telle qu'elle est formulée depuis quarant ans, par la théorie littéraire, tombe». Daí que proponha a reformulação dos conceitos de literatura, leitura, escrita, sob o impulso da hermenêutica literária de inspiração formalista e desconstrucionista. A armadura conceptual utilizada pelo autor integra conceitos conhecidos da semiótica e talvez menos conhecidos da hermenêutica literária de um Derrida ou Deleuze («reste», «ouvert», «facticité», etc.), em nome da qual afirma: «dans l'objet littéraire, il n'y a rien à lire comme il n'y a rien à écrire, si ce n'est l'écriture même». As consequências didácticas e pedagógicas, para o ensino da literatura, de tais pontos de vista são um assunto de não menor importância, sobre o qual a didáctica da literatura também deve deter-se.